

O ESPORTE COMO MEIO DE SUPERAR A DEFICIÊNCIA: ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO DE ATLETAS EM PROGRAMAS DE TELEVISÃO

Alice Sonaglio de Vasconcellos¹
Roseli Belmonte Machado²

Resumo: Este estudo problematiza o modo como pessoas com deficiência são apresentadas na mídia televisiva e como o esporte está sendo mencionado e utilizado por elas. Foram analisados os programas Encontro com Fátima Bernardes e Esporte Espetacular, de 2017 e 2018, a partir dos Estudos Foucaultianos, operando com os conceitos-ferramenta de governamento, modos de subjetivação e norma. Nota-se que o modo como os atletas com deficiência são mostrados é uma operação de normalização, pois, mediante discursos de superação pelo esporte, conduz a conduta dos sujeitos com deficiência para que participem de diferentes lugares na sociedade. Ainda, conduz sujeitos sem deficiência para uma sensibilização em relação às capacidades dos sujeitos com deficiência.

Palavras-chave: Esportes; Pessoas Com Deficiência; Mídia Audiovisual; Educação.

Sport as a means of overcoming disability: analysis of the participation of athletes in television shows

Abstract: We have problematized the way that athletes with disabilities are shown on television and how sports have been mentioned and used by them. Two television shows, Encontro com Fátima Bernardes and Esporte Espetacular, in 2017 and 2018, were analyzed with the support of Foucauldian Studies, and the use of the tool concepts of government, subjectification and norm. The way that athletes with disabilities are shown is an operation of normalization; by means of discourses about overcoming disabilities through sports, there is an attempt to conduct the conduct of subjects with disabilities to participate in different places in society. It conducts the subjects without disabilities to become aware of the capabilities of subjects with disabilities.

Keywords: Sports; Disabled People; Video-Audio Media; Education.

INTRODUÇÃO

As pessoas com deficiência³ circulam por diversos espaços da sociedade, participando deles ou apenas passando por eles. Hoje, podemos encontrar uma

¹ Prefeitura Municipal de Taquari (alicesonaglio@yahoo.com.br)

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul (robeltmont@yahoo.com.br)

³ Neste trabalho, utilizamos a nomenclatura “pessoas com deficiência” para designar os sujeitos com deficiência porque essa denominação é uma luta do movimento político dessas pessoas, que, de acordo com Siqueira (2010), buscaram novas denominações que pudessem romper com a imagem negativa que as excluía. Segundo

pessoa com deficiência em uma academia de ginástica, em um estádio de futebol, em um *shopping*, enfim, essas pessoas circulam pelos mais diversos espaços sociais, ou seja, não estão mais reclusas em suas casas ou limitadas a frequentar espaços médicos e escolares. Na Contemporaneidade, a presença de pessoas com deficiência nos mais diversos espaços sociais é uma realidade da sociedade brasileira.

Embora, desde 2017, estejamos vivendo um momento de retrocesso nos direitos das minorias, como apontam alguns estudiosos (LOCKMANN, 2020), pessoas com deficiência ainda circulam pela sociedade. Porém, é importante mencionar que esse movimento de inclusão não se deu continuamente da mesma forma. Nem sempre pessoas com deficiência puderam circular por todos os espaços. Como aponta Rech (2011), a inclusão pode ser pensada como um movimento, ou seja, “como algo que se desloca, que oscila, que acalma, que agita.” (RECH, 2011, p.19). Tal movimento materializa-se a partir das chamadas políticas de inclusão. Nesta pesquisa, a compreensão de políticas de inclusão vai ao encontro da seguinte definição:

Políticas de inclusão podem ser entendidas como manifestações/materialidades da governamentalidade ou da governamentalização do Estado moderno. O que tais políticas almejam é atingir o máximo de resultados junto à população que se quer governar ou junto à população que está sob o risco (calculado) da exclusão, a partir de um esforço mínimo de poder (biopoder). (LOPES, 2011, p. 9).

Hoje, alguns autores afirmam que vivemos uma inclusão como imperativo de Estado, o que significa, segundo Lopes e Rech (2013), que ela deve atingir a todos sem distinção e independentemente dos desejos dos indivíduos, ou seja, todos devem estar incluídos. Nas palavras das autoras, “inclusão como imperativo de Estado implica, pelo seu caráter de abrangência de imposição a todos, que ninguém possa deixar de cumpri-la, que nenhuma instituição ou órgão público possa declinar” (LOPES; RECH, 2013, p.212). Isso possibilita que pessoas com deficiência estejam em diferentes instituições, como a escola, o mundo do trabalho, espaços de lazer, espaços esportivos, dentre outros, tendo em vista que há uma maior circulação e presença desses sujeitos, o que é possibilitado por

a autora, “pessoa com deficiência” passou a ser a expressão adotada contemporaneamente para designar esse grupo social, em oposição à expressão “pessoa portadora”. Isso porque “pessoa com deficiência” demonstra que a deficiência faz parte do corpo e, principalmente, porque humaniza a denominação. Além disso, na Lei N° 13.146, de 6 de julho de 2015, a Lei Brasileira de Inclusão, também é utilizado o termo “pessoa com deficiência”.

processos inclusivos. Os espaços de práticas de esporte – estádios, ginásios, pistas, quadras e outros – são espaços onde pessoas com deficiência circulam. Muitas optam por uma prática esportiva para o lazer, e outras chegam ao alto rendimento, como é o caso dos atletas paralímpicos.

Ao mesmo tempo, esses sujeitos também estão presentes na mídia, pois, como aponta Schmidt (2006), a cultura da mídia “nos acolhe, nos conforta e nos capta para a construção do nosso modo de ser” (p.19). A autora explica que “aprendemos na mídia quem somos nós e quem são os outros, ou ainda, como são aqueles que desejamos ser iguais ou diferentes” (SCHIMIDT, 2006, p.19). No caso dos atletas com deficiência, já é comum que estejam em espaços midiáticos relatando seus feitos e suas vidas. Todavia, o que temos observado é que, ao serem apresentados, há sempre um apelo à ideia de superação da deficiência pelo esporte, fato que nos inquieta.

Importa dizer que o presente trabalho é parte de uma pesquisa maior, desenvolvida com o objetivo de analisar as estratégias de governamento presentes nos programas televisivos *Encontro com Fátima Bernardes* e *Esporte Espetacular*. As duas atrações foram acompanhadas nos anos de 2017 e 2018, resultando em 31 e oito episódios com a presença de pessoas com deficiência, respectivamente.

No desdobramento da pesquisa supracitada, são apresentados os dados do estudo, que objetivou problematizar de que modo ocorrem as participações de pessoas com deficiência em programas de televisão e como o esporte é mencionado e utilizado por elas. Para tanto, debruçamo-nos sobre cinco episódios das atrações analisadas, sendo um do *Encontro com Fátima Bernardes* e quatro do *Esporte Espetacular*.

Para mostrar o estudo, este artigo está organizado em cinco seções. A primeira, já apresentada, é a introdução, com um panorama geral do estudo. A seguir, trazemos os caminhos metodológicos, com os materiais de pesquisa, a forma de análise e as ferramentas teórico-metodológicas. Depois, apresentamos duas seções analíticas e, por fim, as considerações finais.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Como mencionamos, este artigo faz parte de uma pesquisa maior, na qual abordamos dois programas de televisão: *Encontro com Fátima Bernardes* e *Esporte Espetacular*, que foram acompanhados por um ano, entre 2017 e 2018.

Foram 257 episódios do programa *Encontro* e 55 do *Esporte Espetacular*. Desses, 31 episódios do *Encontro* e oito episódios do *Esporte Espetacular* tiveram a participação de pessoas com deficiência. A partir desse acompanhamento inicial, foram construídas tabelas com a data e as pautas abordadas em cada episódio; posteriormente, os programas foram revistos na plataforma de *streaming* GloboPlay e transcritos em documentos separados por datas.

No processo de análise, as participações de pessoas com deficiências nas atrações foram divididas em três categorias. Essas categorias foram transformadas em seções, agrupadas conforme os assuntos recorrentes nas reportagens. O assunto *esporte* foi um dos temas em destaque na análise dos programas, vindo a subsidiar esta discussão, que objetiva problematizar como ocorrem as participações de pessoas com deficiência em programas de televisão e como o esporte é mencionado e utilizado por elas.

Na pesquisa apresentada neste artigo, fizemos um recorte, trazendo um episódio do programa *Encontro com Fátima Bernardes*, chamado de “Grupo reúne bailarinos com e sem deficiência”, e quatro episódios do programa *Esporte Espetacular*: “Menino de Goiás supera problemas físicos e se torna campeão de ciclismo”, “Nado sincronizado adaptado transforma jovens em exemplos de superação”, “Fernando Fernandes apresenta o wakeboard adaptado” e “Fernando Fernandes vai ao encontro de vulcão no Havaí”. Esses episódios foram escolhidos por terem tido, como fio condutor, esportes ou práticas corporais exercidas por pessoas com deficiência e relacionadas à busca e/ou conquista da superação das dificuldades impostas pela deficiência.

A primeira atração escolhida, o programa *Encontro com Fátima Bernardes*, é um *talk-show* da Rede Globo que está no ar desde 25 de junho de 2012. Tem 60 minutos⁴ de duração, divididos em três blocos, e é transmitido ao vivo de segunda a sexta-feira. Suas pautas misturam informação, matérias de comportamento, prestação de serviço, humor, música e interatividade com o público, em um tom informal que privilegia a conversa. A atração dá destaque a histórias de pessoas não públicas, referindo-se a assuntos do dia a dia e a fatos ocorridos no Brasil e no mundo. Os convidados são selecionados de acordo com o assunto do dia, trazendo pelo menos um especialista em determinado tema e

4 Durante a escrita da pesquisa, o tempo de duração do programa foi modificado, passando a ter aproximadamente 1h e 15 minutos e incluindo como um quadro o programa Bem Estar, que o antecedia.

uma plateia de 60 pessoas. As pautas, segundo Laurindo (2015), podem ser enviadas por assessorias, artistas e telespectadores.

O outro programa analisado, o *Esporte Espetacular*, é o programa esportivo mais antigo da Rede Globo, no ar, tendo estreado em 8 de dezembro de 1973. A atração é exibida aos domingos, a partir das 9h30. Segundo o *site Memória Globo*⁵, tem um formato leve e dinâmico, e acompanha a história dos atletas, os melhores momentos e os bastidores das competições e os recordes mundiais. Até dezembro de 2018, período considerado nesta pesquisa, o programa era apresentado pelos jornalistas Fernanda Gentil e Felipe Andreoli.

Para análise do corpus da pesquisa, tomamos por base os Estudos Foucaultianos em Educação. Ao dirigirmos um olhar foucaultiano para o que está sendo produzido nos programas televisivos a respeito de pessoas com deficiência e das práticas esportivas realizadas por elas, não pretendemos julgar, no sentido de dizer se é positivo ou negativo, mas problematizar a forma como ocorrem as participações dessas pessoas em programas de televisão e como o esporte é mencionado e utilizado por elas. Para isso, utilizamos os conceitos-ferramenta de governo, modos de subjetivação e norma.

Com o objetivo de evitar ambiguidades, o termo *governo* é utilizado nas traduções dos cursos de Foucault para o português por sugestão do professor Veiga-Neto (2002), nos casos em que estiver sendo tratada a ação ou ato de governar, indo além de um governo de Estado. Essa sugestão é feita para evitar uma confusão com a palavra *governo*, que se refere à “instituição do Estado que centraliza ou toma, para si, a caução da ação de governar” (VEIGA-NETO, 2002, p.15).

Nesse entendimento, governar consiste em conduzir condutas. Porém, é importante frisar que a condução de condutas não ocorre de maneira unilateral, ou seja, no momento em que estamos conduzindo a conduta do outro, também estão nos conduzindo. O filósofo trabalha com as noções de governo, na aula de 8 de fevereiro de 1978, no curso *Segurança, Território e População*. Nesta exposição, o professor Foucault explica que a palavra *governar* abrange um extenso campo semântico, pois pode referir-se ao controle exercido sobre si e

⁵ <https://memoriaglobo.globo.com/?s=Esporte+Espetacular>

sobre os outros, sobre seu corpo, sobre sua alma e sua maneira de agir, em um processo de troca que passa de um indivíduo ao outro. Ele alerta que quem é governado são sempre pessoas, são homens, indivíduos ou coletividades. Consideramos esse conceito muito potente em nosso trabalho, uma vez que, como mostraremos nas seções que seguem, a participação de pessoas com deficiência nos programas analisados parece ter a intenção de conduzir os homens, os indivíduos e as coletividades a enxergarem pessoas com deficiência de um determinado modo.

O segundo conceito-ferramenta em operação nas análises é o de modos de subjetivação. Os modos de subjetivação, segundo Castro (2009), “são, precisamente, as práticas de constituição do sujeito.” (p.408). Para o autor, na obra de Foucault, podem-se distinguir três modos de subjetivação/objetivação dos indivíduos. Nós trabalhamos com modos de subjetivação que compreendem “a maneira em que o ser humano se transforma em sujeito. Por exemplo, a maneira em que o sujeito se reconhece como sujeito de uma sexualidade” (CASTRO, 2009, p.408). Isso quer dizer que trata do indivíduo quando trabalha e pensa sobre si mesmo e, a partir disso, se torna sujeito. No caso dos programas analisados, a pessoa com deficiência vai até lá e conta sobre sua vida, explica as suas necessidades, as suas conquistas; ao falar sobre si, ao narrar-se, ela está sendo sujeito.

O terceiro conceito-ferramenta que utilizamos na pesquisa é o de norma. A norma permite uma comparação entre os indivíduos, ou seja, por meio dela, pode ser determinado quem é o normal e quem é o anormal. Nos trabalhos de Michel Foucault, ele aborda a norma nas chamadas sociedades disciplinares do século XVII e nas sociedades de segurança, gestadas a partir do século XVIII.

No curso *Segurança, Território e População* (1978), na aula de 18 de janeiro, Michel Foucault trabalha com essas duas sociedades. Segundo o filósofo, “a disciplina concentra, centra, encerra. O primeiro gesto da disciplina é, de fato, circunscrever um espaço no qual seu poder e os mecanismos do seu poder funcionarão plenamente e sem limites.” (FOUCAULT, 2008, p. 58-59). A disciplina é essencialmente centrípeta; ela se centra nela mesma e nela se encerra. Tem por objetivo regulamentar tudo, sem deixar escapar nada. Ela procede dividindo todas as coisas de acordo com um código binário; na sociedade, a norma operará como normação. Assim, na normação, o fundamental e o primeiro são a norma. Coloca-se um modelo - quem se encaixa nele é considerado normal, quem desvia dele é o anormal.

Já os dispositivos de segurança tendem perpetuamente a ampliar e são centrífugos. Sendo assim, eles deixam fazer, pois se articulam com os dados estatísticos a partir de curvas de normalidades e intervêm de maneira a trabalhar em cima do convencimento, e não da negação. Na sociedade de seguridade, a norma opera como normalização e é definida a partir do que é semelhante a todos no conjunto de indivíduos daquela sociedade, sendo o normal o que tem as características predominantes do grupo, e anormal o que não as possui.

Diante do exposto, o conceito-ferramenta norma e seus desdobramentos nas sociedades disciplinares e de seguridade parecem fundamentais para pensar esta pesquisa, porque percebemos que, nas participações de pessoas com deficiência nas atrações televisivas, sua anormalidade é reforçada o tempo todo mediante as diversas tentativas de mostrar esses sujeitos o mais próximo possível da curva de normalidade. Ou seja, ao mostrá-los como capazes de superar seus limites, de praticar um esporte, de participar dos espaços sociais, apesar de sua anormalidade, parece ser frisada a sua possibilidade de viverem como sujeitos ditos normais.

Após a apresentação dos caminhos metodológicos e dos conceitos-ferramentas utilizados, passamos a mostrar as análises nas duas seções subseqüentes.

O ESPORTE COMO SUPERAÇÃO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

A ideia de superar limites físicos ou obstáculos materiais parece inerente ao esporte de alto rendimento. Talvez possamos dizer que a superação dos limites, dos números já alcançados, seja o que move um atleta. Entretanto, se fizermos um recorte para os atletas com deficiência, essa superação parece ter um significado a mais. A prática de um esporte para pessoas com deficiência, muitas vezes, permite que elas se sintam capazes após um acidente que resultou na deficiência, que consigam aceitar a sua nova condição física ou que tenham a sua autoestima renovada. Enfim, o esporte e a superação advinda dele, para pessoas com deficiência, assumem significados além daqueles já difundidos entre os seus praticantes. Não se trata apenas de superar uma marca alcançada em uma competição anterior ou por um adversário, mas de mostrar para si e para a sociedade que se é capaz.

É importante mencionarmos que os esportes exibidos e praticados em Jogos Paralímpicos, por exemplo, pelos atletas com deficiência são diferentes dos esportes comumente divulgados e apresentados pela mídia; são pouco conhecidos socialmente e ainda pouco trabalhados nas aulas de Educação Física. Todavia, muitos deles aparecem na mídia, dentre elas, a televisiva. Um exemplo são as atrações televisivas que analisamos. Por meio de diferentes reportagens, abordando práticas esportivas, as duas atrações dão destaque para a superação dos limites corporais mediante a prática de um esporte pelas pessoas com deficiência.

Nas reportagens, o esporte torna-se um aliado para que as pessoas com deficiência enfrentem suas dificuldades e superem os limites que elas lhes impõe. Essa prática pode ser no alto rendimento, como o esporte paralímpico, ou como lazer e reabilitação. É necessário lembrar que a superação de limites é inerente ao esporte de alto rendimento, pois os atletas em competições buscam superar seus limites corporais e bater seus próprios recordes ou os de outros atletas. No entanto, quando se trata de atletas com deficiência, Machado (2011) comenta que o conceito de superação é diferente:

o conceito de superação é diferente do que significa para um atleta olímpico, que é narrado como aquele que supera seus limites de ser humano e se torna perfeito ou superior. Nas Paraolimpíadas, o que é recorrente é que os atletas estão em um lugar que até então parecia estar vedado para eles. Talvez esse seja um dos motivos que fazem com que as Paraolimpíadas estejam no jogo, mas em um lugar desvalorizado, um lugar de outro, um lugar de anormalidade. (MACHADO, 2011, p.131).

Mesmo que a autora fale especificamente sobre atletas paralímpicos e que as reportagens que discutiremos englobem todas as pessoas com deficiência que praticam uma atividade esportiva, a sua observação se adequa também a este trabalho. As pessoas com deficiência, ao acessarem uma prática esportiva e, por meio dela, vencerem as dificuldades impostas pela deficiência, ressignificam o conceito de superação, que se torna semelhante ao que Machado (2011) aponta.

Para mostrar essa relação, vamos dar destaque ao quadro Sobre Rodas, apresentado e vivido pelo ex-atleta paralímpico Fernando Fernandes, que experimenta diferentes esportes com adaptações feitas exclusivamente para ele, quer dizer, são esportes que não têm sua adaptação para o esporte paralímpico, mas o programa proporciona essa experiência a Fernando. Nessas exibições, ele vivencia o esporte com todas as suas dificuldades técnicas, utilizando apenas o

meio de praticar adaptado à sua condição de cadeirante. A superação está implícita nas falas de Fernando com relação ao seu quadro no programa:

Sobre rodas, hoje, é sobre a água e sobre a prancha. Apresento a vocês o primeiro *wakeboard* adaptado do Brasil. Cara, eu tenho sempre vontade de conhecer novos esportes, eu sempre fico olhando com vontade de fazer as coisas que eu tentava ou fazia antes, e o *wakeboard* era algo que estava na minha lista ali, pra algum momento, ele vai se tornar realidade. A gente pegou e criou exatamente isso aqui. O que é? Uma cadeirinha, com a medida da perna muito mais comprida, já que eu tenho 1,90m. Dia de experimentar o *wakeboard* adaptado. Aqui no Sobre Rodas, é um desafio atrás do outro. (Programa *Esporte Espetacular*, 2018)

Pernas para que te quero, né, não tem perna, a gente vai na roda mesmo. Esse é o Sobre Rodas direto do vulcão. (...)

Mas o nosso desafio ainda não está completo. E sobre rodas a gente vai até o limite. (Programa *Esporte Espetacular*, 2018a)

Nas falas de Fernando, observa-se a convocação à superação – mesmo estando em uma cadeira de rodas, ele vai até o limite. O quadro dele na atração, pelo *slogan* que ele repete, é pautado em ir até o limite. Muito mais do que isso, trata de demonstrar para os telespectadores, com ou sem deficiência, que todos são capazes, que quem está em casa sentado, sobre rodas ou não, também pode superar seus limites, assim como Fernando demonstra a cada aparição na atração. Percebemos uma intenção sutil de mostrar que, sobre rodas, se pode realizar qualquer atividade, bastando adaptar; como ele diz: “não tem perna, a gente vai na roda mesmo”.

Nas reportagens exibidas no Sobre Rodas, notamos uma ação de normalização por meio do esporte, pois Fernando é exibido como uma pessoa com deficiência que, com uma adaptação física nos equipamentos, consegue praticar qualquer esporte. Não há dificuldade – há superação. Fernando, com o uso dos materiais adaptados, vai até o limite e supera sua condição e as dificuldades impostas por ela. Fazendo isso, aproxima-se da curva de normalidade, torna-se normal, por alguns instantes e em alguns níveis, ao realizar aquela prática esportiva.

Foucault (2008) comenta que, na normalização,

vamos ter uma identificação do normal e do anormal, vamos ter uma identificação das diferentes curvas de normalidade, e a operação de normalização vai consistir em fazer essas diferentes distribuições de normalidade funcionarem umas em relação às

outras e [em] fazer de sorte que as mais desfavoráveis sejam trazidas às que são mais favoráveis. (FOUCAULT, 2008, p.82-83).

Ou seja, o normal é determinado dentro dos grupos sociais, a partir das características da maioria. É nesse sentido que entendemos que o quadro Sobre Rodas produz a normalização e aproximação da curva de normalidade por parte de Fernando Fernandes, já que, no momento em que consegue praticar determinados esportes, mesmo com adaptações, Fernando faz parte da curva de normalidade para aquela prática, naquele momento, mesmo que, para outras curvas de normalidade, ele seja considerado anormal. Assim, entendemos que, quando se mostram pessoas com deficiência praticando um determinado esporte e, em decorrência disto, superando seus limites, pode estar ocorrendo uma operação de normalização. Esse foco na superação da deficiência por meio do esporte mostrado nos programas de televisão analisados pode tirar o foco das limitações da pessoa com deficiência, as quais muitas vezes são vistas como algo negativo. Os indivíduos com deficiência são, então, mostrados como capazes, como aqueles que se superam, que não se deixam abalar pelas dificuldades.

Com outra abordagem, o quadro Superação mostra pessoas não públicas superando as suas limitações. Dentro do recorte temporal desta pesquisa, há duas reportagens desse quadro. Uma delas refere-se a um jovem que, com o ciclismo, enfrenta uma doença neurológica que causa paralisia; a outra é de crianças com deficiência física que frequentam a Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD) e lá praticam nado sincronizado adaptado, tendo ganhado medalhas internacionais. Nesse quadro, antes das entrevistas com os praticantes dos esportes, é mostrada uma reportagem contando sobre a história de sua deficiência, com a especificidade de intercalar as falas da pessoa com deficiência, dos seus pais, do médico responsável por ela e a narração do repórter.

Carlos Alberto: Da noite pro dia, fui perdendo as forças nas pernas, comecei a caminhar ruim, a cair, cair muito, que as pernas faltavam força.

Repórter: Esse é o Carlos Alberto, hoje ele sabe que já é um campeão. Aos 22 anos, ele consegue chegar pra nossa entrevista caminhando, sem a ajuda de ninguém, algo que surpreendeu os médicos.

Médico: Existia sempre um receio de quanto isso ia piorar e se ele iria pra cadeira de rodas. Se ele iria ficar restrito, iria ficar dependente.

Carlos Alberto: Poxa, vou poder ficar de cadeira de rodas, me batia aquela tristeza, mas eu nunca fui aquele menino de me deixar abater por qualquer coisa.

Repórter: Aos 7 anos, Carlos tem um princípio de paralisia na 2ª vértebra da coluna, uma doença neurológica chamada de paraparesia espástica. Os músculos da perna começaram a atrofiar. Mãe: Eu sai de lá abalada. Sai de Brasília até aqui sem falar um “a”, em choque. Aí ele pegou, chegou em mim e falou: “Mãe, não fica triste. Eu sei, eu não vou ficar numa cadeira de rodas”. (...)

Repórter: Só existia um caminho para superar o preconceito e as limitações, o esporte.

Carlos Alberto: Quando eu estou em cima de uma bicicleta, na realidade, eu me sinto normal, como gente que não tem problema algum.

Do passado, eu poderia ter ficado numa cadeira de rodas, então, hoje, já que eu tenho a oportunidade de caminhar, fazer força, não é?

Repórter: Quem diria, o Carlos, hoje, compete de igual para igual com atletas sem nenhuma deficiência. (Programa *Esporte Espetacular*, 2017)

Na forma como a história de Carlos Alberto é contada, encontramos alguns aspectos que queremos ressaltar. Carlos é uma pessoa com deficiência que não se deixou abalar pela nova condição, lutou para superar-se e acreditava na sua recuperação ou na diminuição de sua limitação. Carlos sente-se uma pessoa sem deficiência quando está na bicicleta, e o repórter ressalta que ele compete de igual para igual com outros atletas sem deficiência. Não temos a intenção de destacar uma razão para que isso ocorra, mas pensamos que essa sensação que a prática esportiva proporciona se deve ao fato de que, ao praticá-la, embora tenha outros adversários, a maior luta é vencer seus próprios limites. Quando isso ocorre, a sensação de normalidade da pessoa com deficiência talvez se expanda por meio desses reforços positivos oferecidos por essa prática em relação à sua capacidade.

O foco na superação da deficiência por meio do esporte traz um olhar para o que é mais agradável na pessoa com deficiência ou, como aponta Foucault, mais favorável do que as outras características e/ou enquadramentos em curvas de normalidade. Ao vermos Carlos praticando o ciclismo junto com pessoas consideradas normais e os benefícios adquiridos com essa prática, talvez possamos dizer que isso nos traz um olhar para o que Carlos é capaz de fazer, ou seja, para aquilo que é favorável saber sobre ele, e não sobre suas limitações e/ou dificuldades, que poderiam ser consideradas menos favoráveis.

A segunda reportagem do quadro Superação já é introduzida pela apresentadora Fernanda Gentil como uma transformação por meio do esporte,

em que “o nado sincronizado adaptado fez com que um grupo de crianças mandasse todas as dificuldades por água abaixo”. É exibida uma reportagem com as crianças e seus pais, falando sobre as deficiências dos filhos, juntamente com comentários do repórter.

Manoela: Faço capoeira, natação e nado sincronizado.

Repórter: Ela tem 13 anos, nasceu com má formação na coluna vertebral.

Pai de Manoela: Ela passou por 29 cirurgias. E a gente sempre procurando buscar um lugar pra ela, sempre ouvia um não. “Ah, não, ela não vai conseguir”. “Ah, não, ela não vai conseguir”. Tanto que encontramos o anjo da tia Edna aí.

Repórter: Tia Edna, da AACD, criou uma equipe de nado sincronizado adaptado. Algo que está bem no começo. Mesmo assim, é impressionante o que essa turminha é capaz de fazer.

Edna: A água desenvolve muito a capacidade do mundo, devolve isso pra gente. Coisa que a gente não tem aqui no solo, na água, a gente consegue. Fácil não foi, não, mas eu acreditava muito, tanto eu acreditava em mim quanto eu acreditava no potencial de cada uma.

Repórter: Movimentos são copiados e adaptados do nado sincronizado convencional. Duas delas [das praticantes] não têm os movimentos das pernas, usam os braços como apoio, mas na água é como se não houvesse deficiência.

Mileni: Na água, eu me sinto bem mais leve do que na cadeira, porque na cadeira eu fico o dia inteiro, praticamente.

Repórter: Mudou a vida da Catarina, que teve paralisia cerebral ao nascer.

Catarina: Estar na água, para mim, é muito livre, para mim, é muito legal e é muito emocionante porque eu estou ali, eu sei que eu estou ali para treinar, (...) eu estou ali também para ser feliz. (Programa *Esporte Espetacular*, 2017a).

Como Carlos Alberto, as meninas praticantes do nado sincronizado sentem-se livres ao praticarem o esporte, mas de uma forma diferente dele, pois elas são cadeirantes, então, a água possibilita que elas percebam menos suas limitações, como comentou a professora. Nessa reportagem, também são destacados aspectos mais favoráveis das meninas, reforçados pelas suas conquistas esportivas, no caso, sua medalha de ouro. Conquistar uma medalha de ouro é um feito muito importante para todos os atletas e representa uma superação dos seus limites ou dos seus recordes, e no caso delas não é diferente.

No programa *Encontro com Fátima Bernardes*, também houve momentos em que se falou sobre as práticas esportivas e a superação da pessoa com

deficiência por meio delas. Foi o caso quando a apresentadora Fátima Bernardes apresentou o grupo Corpo em Movimento, comentando que os participantes desafiam os limites do corpo.

Camila (coreógrafa): (...) a gente começou o trabalho em 1999, lá na ANDEF, Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos, e a gente diz, que a gente é mais do que um grupo de dança, a gente é um grupo de luta, um grupo que quebra barreiras e paradigmas através da arte, que é uma forma mais plástica, mais leve, de superar os limites e resgatar a autoestima.

Henrique (dançarino): (...) eu me sinto feliz, consegui resgatar a minha autoestima, porque a pessoa, quando nasce com uma deficiência, é diferente. Aquele que adquire com uma certa idade, como eu, eu tinha 26 anos, para mim, foi complicado, porque jovem e com cadeira de rodas, e a gente via a cadeira de rodas como uma limitação para a gente. Só que, hoje não, hoje eu vejo de outra maneira, a cadeira de rodas não é uma limitação, é uma forma de a gente se expressar, mostrar que a gente pode fazer muita coisa sobre uma cadeira de rodas. (Programa Encontro com Fátima Bernardes, 2017).

Nessa participação, a dança é colocada como uma forma de luta. Ao dançarem, pessoas com deficiência mostram suas capacidades, aproximam-se da curva de normalidade. Como nas outras reportagens comentadas acima, no caso deste grupo de dança, a prática corporal é apresentada como um meio de superar as limitações impostas pela deficiência. Embora cada esporte tenha suas particularidades e seja apresentado de uma forma distinta, todos parecem promover a ideia de superação das limitações impostas pela deficiência e podem servir como um meio de suavização das anormalidades.

O ESPORTE E AS DIFICULDADES ENFRENTADAS E SUPERADAS

Nesta seção, procuramos apontar a que servem os discursos de superação pelo esporte mostrados na seção precedente. Para isso, operamos com os conceitos-ferramenta de governamento e subjetivação, compreendendo que, nas reportagens, é feita uma condução das condutas das pessoas com e sem deficiência.

Iniciamos com o já citado quadro Sobre Rodas. Seron *et al.* (2015) realizaram uma pesquisa sobre as barreiras e facilitadores percebidos para a prática de atividade física, constatando que os facilitadores estão relacionados a

fatores sociais, como simpatia e conhecimento do profissional, e apoio dos familiares e amigos. Já as barreiras são as limitações físicas e a falta de programas específicos. Assim, entendemos que o quadro Sobre Rodas pode trabalhar no combate a essas barreiras.

Consideramos que as estratégias de sensibilização e condução das condutas dos telespectadores do quadro Sobre Rodas têm foco em mostrar Fernando Fernandes praticando a modalidade esportiva e superando-se. Compreendemos que a sensibilização é feita por meio de sedução para que o telespectador com deficiência se sinta atraído a praticar aquele esporte e para que, ao mesmo tempo, as pessoas sem deficiência percebam Fernando quebrando barreiras e o vejam como um sujeito capaz de realizar esportes comuns a todas as pessoas. O governamento – a condução das condutas – e a tentativa de convencimento são feitos por meio da exibição dos feitos alcançados por Fernando nas suas aventuras neste quadro.

Essa sensibilização que pode operar na condução das condutas é feita por meio de operações que incitam modos de subjetivação. Foucault, em uma entrevista intitulada “O Retorno da Moral”, publicada após o seu falecimento, comenta que “chamaria de subjetivação o processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, mais precisamente de uma subjetividade, que evidentemente não passa de uma das possibilidades dadas de organização de uma consciência de si” (FOUCAULT, 2006, p.262). Nas reportagens analisadas, consideramos que estão em operação modos de subjetivação quando pessoas com deficiência são exibidas praticando esportes e contando como esta prática transformou e melhorou as suas vidas. Falando sobre si, essas pessoas organizam a consciência de si, que o filósofo comenta, e constituem-se sujeitos. Ao mesmo tempo, colocam em circulação modos que podem atingir e constituir outros.

Outra reportagem que analisamos e já citamos foi a com Carlos. Ao falar sobre ele, o repórter destaca que o atleta deixa a sua zona de conforto de lado, indo além do que talvez se esperasse de uma pessoa com deficiência. Observamos que as narrativas sobre Carlos são de uma pessoa com deficiência que não se deixou abalar pelas dificuldades impostas pela deficiência e, principalmente, não permaneceu em uma zona de conforto. Essa exaltação da garra e da vontade do atleta de superar-se, no nosso entender, objetiva conduzir a conduta dos telespectadores com e sem deficiência no sentido de se perceberem capazes e de não se entregarem ao vitimismo, buscando ir além dos seus limites e sair da zona de conforto. Essa convocação é feita por meio da

demonstração e das palavras do repórter quando relata que, como resultado dessas ações, Carlos teve a possibilidade de competir de igual para igual com os atletas sem deficiência. Nessa recorrência, reforça-se que o telespectador com deficiência só precisa ter força de vontade para aceitar sua condição e buscar melhorar dentro de suas possibilidades.

A segunda reportagem do quadro *Superação* traz a história de uma professora, tia Edna, que resolveu montar uma equipe de nado sincronizado adaptado na AACD. A professora de Educação Física diz que montar o grupo não foi fácil, “mas eu acreditava muito, tanto eu acreditava em mim quanto eu acreditava no potencial de cada uma”. A exaltação da função de tia Edna implica a condução de professores de Educação Física para acreditar nos seus alunos com deficiência e ajudá-los a superar suas limitações. Essa condução é feita mostrando-se toda a luta da professora ao lado das alunas para que elas possam praticar e concorrer com sua prática em vários lugares do mundo. É possível dizer que a professora Edna é exibida como um bom exemplo a ser seguido por outros professores; desse modo, são feitas a sensibilização e a condução dos telespectadores, em especial dos professores, para que acreditem e invistam nos seus alunos.

Na segunda atração analisada, o programa *Encontro com Fátima Bernardes*, salientamos a participação do grupo de dança Corpo em Movimento. Nesta reportagem, o destaque é dado para a recuperação da autoestima por meio da prática da dança. Um dos dançarinos, Henrique, comenta que a dança é um meio de resgatar a autoestima e de adaptar-se à nova condição. Esse grupo apresentou-se no Rock in Rio, e a coreógrafa comentou que, com essas participações, eles atingem até as pessoas que estão em casa.

Camila: E a gente acaba atingindo até as pessoas que estão em casa e não têm essa oportunidade. Porque a pessoa com deficiência, muitas vezes, ela é escondida, pra não sofrer preconceito. Então, a gente acaba atingindo. Nós somos 24% da população, e a gente acaba sendo, acaba motivando as pessoas, e recebemos muitas mensagens nas redes sociais de pessoas dizendo: “nossa, vocês dançando, eu me sinto mais motivada e a lutar. Eu vejo que, com a deficiência física, a minha vida não acabou. Muito pelo contrário, é só readaptação, é só o recomeço da minha nova história”. (Programa *Encontro com Fátima Bernardes*, 2017).

A participação das pessoas com deficiência no programa televisivo analisado pode ter a função de conduzir a conduta, tanto de pessoas com

deficiência quanto das que não têm deficiência, no sentido de enxergar a capacidade das pessoas com deficiência de realizarem inúmeras atividades, sejam elas esportivas ou não, especialmente tendo em conta o efeito que essas atividades têm na autoestima e na readaptação dessas pessoas na sociedade. Por meio dessa fala, percebemos uma tentativa de sensibilização, apontando que a pessoa com deficiência não deve ser escondida por medo de sofrer preconceito, que deve sair da zona de conforto e enfrentar a sociedade, percebendo que a vida não acaba devido à condição de pessoa com deficiência.

Por fim, entendemos que exibir diferentes práticas corporais, especialmente o esporte, usufruídas por pessoas com deficiência pode mostrar aos telespectadores que as barreiras estruturais constatadas por Seron *et al.* (2015) podem ser superadas. A exibição dos benefícios que essas práticas proporcionam aos seus participantes incentiva outras pessoas com deficiência a buscarem uma prática adequada à sua condição e, com isso, a fazerem parte do jogo neoliberal, circulando nos distintos espaços sociais.

Como aponta Lockmann (2016), o foco das políticas de inclusão contemporâneas volta-se para as pessoas consideradas normais. Entendemos que mostrar pessoas com deficiência superando suas dificuldades, reconquistando sua autoestima, influencia as pessoas consideradas normais. Isso as estimula a perceberem pessoas com deficiência como capazes, eficientes e, quem sabe, normais para a prática de alguns esportes adaptados. Dessa forma, o esporte adaptado, nas atrações televisivas, é utilizado também como uma estratégia de governo para conduzir as condutas, evidenciando as capacidades das pessoas com deficiência por meio da superação das suas dificuldades em uma prática desportiva como um modo de subjetivação dos considerados normais e dos ditos anormais.

Ainda, não podemos esquecer que Foucault (2008) comenta que a palavra *governar* abrange um vastíssimo campo semântico, referindo-se “ao controle que se pode exercer sobre si mesmo e sobre os outros, sobre seu corpo, mas também sobre sua alma e sua maneira de agir. E, enfim, refere-se a um comércio, a um processo circular ou a um processo de troca que passa de indivíduo a outro” (FOUCAULT, 2008, p.164). Assim, reforçamos que, ao mesmo tempo que pessoas com deficiência, ao participarem das atrações analisadas, estão conduzindo as condutas de outras pessoas com ou sem deficiência, também estão realizando uma autocondução, no sentido de

perceberem-se capazes de realizar determinada prática esportiva e de superar suas dificuldades por meio desta prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, problematizamos o modo como pessoas com deficiência são apresentadas na mídia televisiva e como o esporte está sendo mencionado e utilizado por elas. Entendemos que esse modo de apresentá-las funciona como uma operação de normalização das pessoas com deficiência, em que as características mais favoráveis ganham destaque. Esse discurso de superação pelo esporte, no nosso entender, busca conduzir a conduta das pessoas com e sem deficiência por meio de sensibilização, sedução e convencimento a respeito das capacidades e condições de superação das pessoas com deficiência. Pode-se dizer que é uma via de mão dupla: quem conduz, quem sensibiliza, também é conduzido e sensibilizado. São diferentes níveis, mas a busca é por normalizar a condição da deficiência.

Além das análises realizadas, consideramos que seria interessante continuar observando esses e outros programas para perceber se pessoas com deficiência seguem sendo convidadas com a mesma frequência. Desconfiamos que sim. Talvez possamos dizer que isso é uma forma de resistência, de contraconduta com relação às tentativas de apagamento, isolamento e segregação que pessoas com deficiência podem estar sofrendo na atualidade.

A partir disso, outras invisibilidades podem ser criadas, pois, na medida em que a deficiência é narrada como algo superado por meio do esporte, muitos investimentos nesses sujeitos – principalmente quanto à melhoria de suas condições de vida, de treino e de oportunidades de treinar e competir – podem diminuir ainda mais. Ressaltamos a utilidade de empreendimentos de pesquisa que se dediquem a problematizar questões que envolvem esporte, deficiência e mídia. Por vezes, as relações entre esporte, deficiência e mídia acabam sendo naturalizadas como benevolentes ou são utilizadas para destacar aspectos positivos dos sujeitos com deficiência; por outro lado, também podem resultar em menos investimentos e maior invisibilidade das necessidades desses sujeitos.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault** – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.



Fernando Fernandes apresenta o wakeboard adaptado. **Esporte Espetacular**. RJ: Rede Globo, 28/01/2018. Programa de televisão.

Fernando Fernandes vai ao encontro de vulcão no Havai. **Esporte Espetacular**. RJ: Rede Globo, 05/08/2018a. Programa de televisão.

FOUCAULT, Michel. O Retorno da Moral. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos, vol. V, Foucault: Ética, Sexualidade, Política**. Ed. Forense Universitária, 2ª ed, 2006, p.252-263.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Grupo corpo em movimento. **Encontro com Fátima Bernardes**. RJ: Rede Globo, 20/09/2017. Programa de televisão.

LAURINDO, Rosiméri. **O jornalismo diversional de Fátima Bernardes**. São Paulo: Primavera Editorial, 2015.

LOCKMANN, Kamila. As práticas de inclusão por circulação: formas de governar a população no espaço aberto. **Cadernos de Educação - UFPEL (Online)**, v.1, p.20-36, 2016.

LOCKMANN, Kamila. As reconfigurações do imperativo da inclusão no contexto de uma governamentalidade neoliberal conservadora. **Pedagogia y Saberes**, 52, 67-75, 2020. doi: <https://doi.org/10.17227/pys.num52-11023>

LOPES, M.C. Políticas de inclusão e governamentalidade. In: THOMA, A.S., HILLESHEIM, B. (Org.). **Políticas de inclusão: gerenciando riscos e governando as diferenças**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011. p. 7-15.

LOPES, Maura Corcini; FABRIS, Eli Henn. **Inclusão e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013

LOPES, Maura Corcini; RECH, Tatiana Luiza. Inclusão, biopolítica e educação. **Educação PUCRS**, Porto Alegre, v.36,n.2, p.210-219, mai/ago.,2013.

MACHADO, Roseli Belmonte. Paraolimpíadas e Políticas de Inclusão: novas formas de governo dos corpos. **Revista Querubim**, v. 2, p.129-136, 2011.



MEMÓRIA GLOBO, **Esporte Espetacular**. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/telejornais-e-programas/esporte-espetacular/esporte-espetacular-esporte-espetacular-45-anos-FF80808167808624016784210640095D.htm> Acesso em: 28/01/2019.

Menino de Goiás supera problemas físicos e se torna campeão de ciclismo. **Esporte Espetacular**. RJ: Rede Globo, 15/10/2017. Programa de televisão.

Nado sincronizado adaptado transforma jovens em exemplos de superação. **Esporte Espetacular**. RJ: Rede Globo, 17/12/2017^a. Programa de televisão.

RECH, Tatiana Luiza. A emergência da inclusão escolar no Brasil. In: THOMA, AS; HILLESHEIM, B. (Org.). **Políticas de Inclusão: gerenciando riscos e gerenciando as diferenças**. 1ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011, v. 01, p.19-34.

SCHMIDT, Sarai Patrícia. **Ter atitude: escolhas da juventude líquida: um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem global**. 167f, 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SERON, Bruna Barboza et al. Facilitadores e barreiras percebidas para a prática de atividade física por pessoas com deficiência motora. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 37(3), 214 - 221, 2015.

SIQUEIRA, Ivana. Introdução. In: LANA JÚNIOR, Mário Cléber Martins (Comp.). **História do movimento político das pessoas com deficiência no Brasil**. Brasília: Secretaria dos direitos humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos das Pessoas com deficiência, 2010.

VEIGA-NETO, Alfredo. Coisas do governo... In: RAGO, M; ORLANDI, LBL; VEIGA-NETO, A (Orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 13-34.

Recebido em 10 de fevereiro de 2021

Aprovado em 14 de maio de 2021